

*Software Livre*¹

O posicionamento dos veículos de divulgação tecnológica

Jefferson PARADELLO²

RESUMO

Este trabalho pretende identificar o posicionamento de alguns veículos de divulgação tecnológica no Brasil, entre eles jornais e revistas, em relação ao *Software Livre*. Para tanto, o trabalho explica o termo *Software Livre*, sua história, vertentes e sua importância no mercado tecnológico da atualidade. Apresenta-o, também, como alternativa à pirataria no País e, por último, baseado na análise de discurso, verifica a importância que os veículos especializados em informática dão ao assunto em suas páginas.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão Digital; Jornalismo; Linux; Pirataria; *Software Livre*;

ABSTRACT

This work aims to identify the positioning of some vehicles of technology diffusion in Brazil, including newspapers and magazines on relationship to Free Software. Thus, the work explains the term Free Software, its history, her strands and their importance in today's market technology. Presents it, too, as an alternative to piracy in the country and, finally, based on the analysis of discourse, verify the importance that vehicles specialized in technology gives to her in your pages.

KEYWORDS: Digital inclusion; Journalism; Linux; Piracy; Free Software;

INTRODUÇÃO

Atualmente é inevitável viver no mundo industrializado sem o auxílio dos sistemas computacionais e das novas tecnologias. As revoluções tecnológicas, resultado das novas descobertas realizadas pela ciência mediante o empenho humano, trouxeram benefícios para o homem em relação a uma maior agilidade na realização das tarefas diárias. Hoje, pela sua ampla difusão, os sistemas informatizados podem ser facilmente encontrados em segmentos comerciais, industriais e não obstante, nos lares, que cada vez mais fazem uso desses recursos mesmo sem o saber. Como aponta Bolaño (2002a, pág. 62), eles:

[...] atingem o mundo do trabalho, as formas de coordenação inter e intra-empresariais e institucionais e os modos de consumo e de vida de milhões de pessoas por todo o globo, constituindo-se em fator de importância crucial para as grandes transformações por que o mundo vem passando nesta virada de século.

No entanto, as opções de *softwares*³ e sistemas operacionais⁴ que gerenciam as arquiteturas computacionais são vastas no mercado. Mas apesar dessa diversidade, apenas

¹ Trabalho inscrito no eixo temático Economia e Comunicação na Era Digital, na categoria Sociedade da Informação, processos de digitalização e convergência tecnológica.

² Estudante do 5º período do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), campus Engenheiro Coelho.

poucas soluções são conhecidas por aqueles que atuam diretamente na área ou por quem somente utiliza seus recursos.

Entre os usuários de computadores pessoais⁵, seja em casa, em empresas, órgãos governamentais e não-governamentais, o sistema operacional mais utilizado é o Microsoft Windows, desenvolvido pela Microsoft. De acordo com Max (2008), ele está presente em 89,6% dos computadores do planeta. Seus únicos e principais concorrentes diretos são o Mac OS X, da Apple, e o Linux. Este último se enquadra no universo do *Software* Livre por ter seu conteúdo produzido por colaboradores espalhados pelo globo e por ser distribuído gratuitamente. Além disso, seu código-fonte é disponibilizado para que toda e qualquer pessoa possa modificá-lo e distribuí-lo conforme suas necessidades ou interesses.

Embora os *Software* Livre não tenha uma parcela significativa do mercado, Friedman (2005, pág. 117) afirma que sua pouca popularidade já incomoda as gigantes do segmento.

O movimento do *Software* Livre tornou-se um sério desafio à Microsoft e outras grandes empresas globais da área. Conforme relatou a revista *Fortune*, em 23 de fevereiro de 2004, “a disponibilização desse *software* simples mas poderoso, que funciona nos onipresentes microprocessadores da Intel, coincidiu com o crescimento explosivo da Internet. O Linux não demorou a conquistar adeptos entre programadores e empresas no mundo inteiro (...). E a revolução vai muito além do pequeno Linux (...). Programas de praticamente todo tipo podem ser encontrados agora em código aberto.

No caso do Linux, sua adoção ocorre pela eficiência e principalmente pela segurança que o sistema apresenta. Outro fator está ligado aos custos. O *Software* Livre, embora possa ser comercializado em alguns casos, que serão abordados ao longo deste trabalho, reduzem os gastos que usuários, empresas e corporações costumam ter com *softwares* ou sistemas proprietários. Friedman (2005, pág. 117 e 118) relata que:

Para quem detesta a idéia de desembolsar 350 dólares pelo Microsoft Office ou 600 dólares pelo Adobe Photoshop, o OpenOffice.org e o Gimp são alternativas gratuitas e de qualidade surpreendentemente alta. Grandes empresas como Google, E*Trade e Amazon, combinando componentes de servidor baseados em *chips* Intel e o sistema operacional Linux lograram efetuar uma drástica redução de seus gastos com tecnologia e obter mais controle sobre seu *software*.

³ Aplicativos computacionais ou simplesmente programas de computador.

⁴ *Software* que habilita a interação com o *hardware* de um computador.

⁵ Conhecidos também por PC ou *personal computer*

Outro fator contribuinte para que outros sistemas desponham no mercado é a simplicidade e inovação que apresentam. A Apple, fundada em 1976, sempre apresentou soluções inovadoras, mas somente em 2001, quando lançou o Ipod, começou a ganhar popularidade no setor. Suas invenções, além de possuir preços mais elevados em relação às para Windows, eram destinadas a um público mais seletivo. Hoje, se tornou mais visível, possui preços mais baixos e luta para conquistar mais adeptos ao lançar produtos que sejam referência para determinados mercados, como o Iphone, uma desejável novidade em termos de telefonia móvel.

Apesar do crescimento aparente das soluções livres, estariam os periódicos responsáveis pela divulgação tecnológica do País tratando o assunto com a devida importância? Como ressalta Silveira (2004, pág. 74):

[...] a grande consequência sociocultural e econômica do *Software Livre* é a aposta no compartilhamento da inteligência e do conhecimento. Ele assegura ao nosso país a possibilidade de dominar as tecnologias que utilizamos. O uso local de programas desenvolvidos globalmente aponta ainda para as grandes possibilidades socialmente equalizadoras do conhecimento. Assim, em uma sociedade de geração e uso intensivo do conhecimento, estamos criando uma rede que permite redistribuir todos os seus benefícios.

Prezariam pela difusão do conhecimento como citado por Silveira ou estariam preocupados em atingir interesses próprios ou apoiar patrocinadores que contribuem economicamente para que seus produtos e/ou soluções sejam divulgados em suas páginas?

Problema de pesquisa

O avanço tecnológico proporcionou novas oportunidades para o homem inserido na era digital. Com tantas opções e ao mesmo tempo com tão poucas, apenas algumas parcelas de alternativas são conhecidas pelos usuários de computador e divulgadas pelos meios de comunicação especializados na área. O problema da pesquisa está em identificar qual a importância e o espaço que os veículos de comunicação voltados ao tema têm reservado em suas páginas para tratar do *Software Livre* e suas vertentes.

Hipóteses

A hipótese inicial deste trabalho é a de que os veículos tecnológicos no Brasil, de alguns anos para cá, passaram a dar importância ao assunto, mas não com uma ampla abrangência. A não ser as revistas voltadas exclusivamente ao assunto e destinadas a usuários

que já possuem familiaridade com o tema, as que dominam o mercado brasileiro ainda precisam dedicar mais espaço para que este ganhe uma visibilidade mais significativa. Assim, serão oferecidas oportunidades para que empresas, especialistas da área de informática, usuários domésticos e curiosos que acompanham esses periódicos encontrem e adquiram soluções livres.

Objetivos

A fim de chegar a conclusões em relação à hipótese e responder a questão proposta pelo trabalho, serão analisados todo e qualquer conteúdo que remeta ao tema *Software Livre* nas revistas *Info*, *W / www.com.br* e *PC World* e do caderno de informática do jornal *Folha de S. Paulo*. O período escolhido foi o mês de novembro de 2008. O objetivo é constatar a importância que esses veículos têm oferecido às soluções livres e que posicionamento tomam em relação a ele.

Justificativa

A informática no Brasil, em sua maioria, é dominada pelos *softwares* proprietários. Parte deles são cópias ilegais, ou em um termo mais conhecido pela população, pirateados. Uma parcela significativa dos computadores no Brasil funciona assim. Essa questão culminou em diversos estudos em relação ao tema e na discussão sobre o verdadeiro papel da inclusão digital no País. O *Software Livre* tem se mostrado uma alternativa para o problema da pirataria, que pode em grande parte dos casos, solucionar tarefas do dia-a-dia com a utilização de *softwares* gratuitos e licenciados que possuem os mesmos recursos que os proprietários. Além disso, apresenta-se como oportunidade para que outros contribuam com o crescimento e expansão da produção tecnológica a partir da difusão do conhecimento de seu código-fonte. Mediante essas premissas, o trabalho se torna relevante em verificar como essa ferramenta têm sido discutida nos meios de comunicação citados anteriormente e como os mesmos estão, de alguma forma, contribuindo para difundir e apresentar essa alternativa ao cidadão que acompanha essas publicações. Visto que nenhum estudo buscou relacionar o tema com esse ponto, a pirataria, o trabalho busca ser a mola propulsora para que o assunto se torne modelo e outros pesquisadores o discutam de maneira mais ampla e profunda. Assim, espera-se que haja um olhar mais visionário por parte dos administradores de projetos de inclusão digital com soluções eficazes e que não estejam ligados a grandes gastos com *softwares* proprietários.

Métodos e técnicas

O método adotado para esclarecer a questão será a análise de discurso (ORLANDI, 2005), em que serão verificados todo e qualquer material do corpus que faça referência ao tema. Os veículos escolhidos foram as revistas *Info*, *W / www.com.br* e *PC World* do mês de novembro de 2008 e as edições dos dias 26 de novembro e 3 de dezembro 2008 do caderno de informática do jornal *Folha de S. Paulo*.

Desenvolvimento da pesquisa

O trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro deles é feita uma abordagem do surgimento do movimento do *Software Livre*, seu contexto histórico, suas vertentes e como ele se apresenta hoje. Passamos desde o sistema operacional que lhe deu origem até o mais conhecido na família livre. No segundo são avaliados como o usuário lida atualmente com esses dispositivos e qual a importância que eles têm representado para um grupo de pessoas cada vez mais seletivo. Além disso, discute a questão da pirataria na forma de inclusão digital criada pelo governo brasileiro. No terceiro é apresentada uma análise de três periódicos mensais e um semanal. Neles são avaliados a importância que tem se dedicado em suas páginas para discursar sobre os sistemas livres, visto que seu público alvo são pessoas que trabalham diretamente na área de informática ou são amadores da modalidade.

1. O *Software Livre* e suas vertentes

O movimento do *Software Livre* surge em um momento importante da história da indústria tecnológica. No auge das descobertas e com um investimento mais amplo nesse mercado, os sistemas livres apresentam-se como uma correnteza contrária aos rios corporativos. Como citado por Elias (2006, pág. 9):

Com o surgimento da Internet e das novas tecnologias, são criadas novas formas de se produzir e disseminar informações tecnológicas, e a troca mútua de informações pela rede começam a virar realidade. É por meio dessa nova “onda” de livre circulação de informação tecnológica pela Internet que surgem movimentos importantes, como o movimento de *Software Livre* liderado por Richard Stallman, que ganhou força e notoriedade a partir da década de 90.

Mas antes de entender o surgimento do *Software Livre* é preciso compreender o contexto anterior à sua chegada.

1.1. UNIX, o primeiro grande rei

No final da década de 1950 os sistemas operacionais começavam a dar seus primeiros passos rumo a dias melhores. Até ali, diversas dificuldades eram encontradas para que se realizasse mais de uma tarefa por vez, pois para que uma ordem fosse executada, o computador necessitava carregar todo o sistema, que poderia demorar horas ou até dias. Além disso, a possibilidade de expansão do *software* era restrita. Esforços de diversas entidades revertidos em pesquisas resultaram em uma descoberta que facilitou o trabalho e deu início a uma melhor experiência entre homem e máquina.

Na década de 1960 começam a surgir soluções que oferecem uma resposta mais rápida a uma solicitação, como explicam Deitel, Deitel e Choffmes (2005, pág. 6 e 7):

Entre os mais importantes esforços de desenvolvimento de sistemas de tempo compartilhado desse período estão o CCTS (*Compatible Time-Sharing System*, sistema compatível de tempo compartilhado), desenvolvido pelo MIT, o TTS (*Time Sharing System*, sistema de tempo compartilhado) desenvolvido pela IBM, o sistema Multics desenvolvido pelo MIT, GE e Bell Laboratories para ser o sucessor do CTSS, e o CP/CMS (*Control Program/Conversation Monitor System*, programa de controle/sistema monitor conversacional) que eventualmente evoluiu para o sistema operacional VM (*Virtual Machine*, máquina virtual) da IBM, desenvolvido pelo Cambridge Scientific Center da IBM.

O Multics abriu portas para que a tecnologia de sistemas operacionais pudesse deslançar. Com ele foi possível realizar diversas tarefas ao mesmo tempo, ou seja, foi considerado uma plataforma computacional multitarefa. Assim, complementam Deitel, Deitel e Choffmes (2005, pág. 7):

O valor dos sistemas de tempo compartilhado no suporte do desenvolvimento de programas foi demonstrado quando o MIT, a GE e o Bell Laboratories usaram o sistema CTSS para desenvolver um sucessor próprio, o Multics. Esse programa foi notável por ter sido o primeiro grande sistema operacional escrito primariamente em uma linguagem de alto nível (EPL – estrutura segundo o modelo PL/1 da IBM), e não em linguagem de montagem (assembly).

Mais tarde o Multics foi reescrito em Assembly por Ken Thompson e batizado de Unics. Brian Kernigham o rebatizou de UNIX. Algumas universidades dos Estados Unidos já estavam interligadas e transferiam dados pela rede, que posteriormente viria formar a Internet que conhecemos hoje. Deitel, Deitel e Choffmes (2005, pág. 9) falam que:

Os anos 80 representaram a década do computador pessoal e da estação de trabalho. A tecnologia do microprocessador evoluiu até o ponto em que era possível construir computadores de mesa avançados (denominados estações de trabalho) tão poderosos quanto os de grande porte de uma década atrás.

Não irei me aprofundar no assunto, mas o ponto chave é que o UNIX é um sistema proprietário e os primeiros computadores citados anteriormente usavam suas soluções. Naquela época seu código foi disponibilizado e outros desenvolvedores aproveitaram para adequá-lo aos seus interesses. Hoje existem outros sistemas que são derivados dele, com o Mac OS X, a família BSD⁶ (FreeBSD, OpenBSD, e NetBSD), o Solaris, da Sun Microsystems e o Linux. Além deles existe outra infinidade de dispositivos que rodam UNIX.

Na década de 1980 ele praticamente dominou o mercado, seja diretamente ou com suas ramificações que começaram a surgir posteriormente. Apesar disso, essas soluções, mesmo que com a possibilidade de alterar o código-fonte do sistema e customizá-lo, eram comercializados.

1.2 *Free Software Foundation*, defesa pela liberdade

Na década de 1980, Richard Stallman era programador do *Massachusetts Institut of Technology* (MIT) e resolveu recriar e dar vida nova a grande parte das ferramentas do UNIX. Seu empreendimento foi disponibilizar o código que havia implementado sem custo algum para quem desejasse adquiri-lo. Nesse contexto surge o conceito de *Software Livre*. Deitel, Deitel e Choffmes (2005, pág. 12) completam:

Stallman fundou a *Free Software Foundation* e criou o projeto GNU – uma abreviatura que significa “GNU não é UNIX” – porque discordava do conceito de vender permissão para utilizar *software*. Ele acreditava que dar aos usuários a liberdade de modificar e distribuir *software* levaria a melhores *softwares*, orientados pelas necessidades dos usuários, e não pelo lucro pessoal ou corporativo.

Stallman cria também a *General Public License* (GPL), uma licença que garantia que programas fossem criados e distribuídos livremente, desde que, se modificados, fossem redistribuídos pela mesma licença. Essa iniciativa foi um reflexo contrário ao que algumas empresas de *softwares* faziam na época. Além de ocultar o código-fonte de diversos programas, estes eram disponibilizados apenas por meios comerciais. Com isso, vários

⁶ Berkeley Software Distribution

programadores aderiram a ideia de desenvolver projetos que fugissem dos tentáculos proprietários e alcançassem o maior número de usuários possíveis.

A partir daí, abriu-se uma nova janela para o mundo. Não a do Windows, mas a possibilidade de criar e distribuir programas com qualidade e que poderiam ser desenvolvidos por programadores espalhados ao redor do globo.

1.3 De Stallman a Torvalds

Com esse projeto promissor, diversas ferramentas já haviam sido desenvolvidas, como ambiente gráfico, compiladores e editores de texto. No entanto, o mais importante, o *Kernel* do sistema, considerado seu coração, ainda não havia sido inventado. Então, em 1991, Linus Torvalds, um estudante Finlandês, começou a escrever o núcleo daquele que viria a ser o Linux, derivação do nome do autor e o UNIX.

Dali em diante, o sistema começou a ganhar popularidade e nos próximos anos versões mais completas começavam a ser disponibilizadas, tornando um projeto pessoal em profissional.

1.4 Os primeiros anos do Pinguim

Ao longo dos anos o sistema foi se consolidando e se tornando popular nos meios acadêmicos. Conhecido também como o sistema operacional do Pinguim, que o tem como logotipo, o Linux adotou o conceito GNU, criado por Stallman. Hoje alguns o tratam simplesmente como Linux. Há divergências de opiniões, mas a ênfase de que ele está ligado ao projeto GNU o tornou conhecido também como projeto ou sistema operacional GNU/Linux. Esse termo encontra-se referido em diversos lugares, inclusive em literaturas sobre o assunto. É importante ressaltar que o projeto GNU estava praticamente pronto quando Torvalds surge, desenvolvendo o *Kernel*, a parte que faltava para que o sistema ficasse completo. Por isso existe essa referência ao sistema como GNU/Linux.

Com as implementações e modificações, nos anos seguintes a 1991 ele foi se mostrando uma solução e alternativa aos outros sistemas proprietários. Apesar de existirem outros sistemas livres que nasceram na mesma época, como o FreeBSD e o OpenBSD, o Linux foi o que alcançou maior popularidade.

Por ter o seu código disponibilizado, foram desenvolvidas diversas vertentes do Linux, denominadas distribuições. Cada uma delas procurou se voltar para uma área específica, mas seu conteúdo ainda se baseia na livre disseminação do sistema.

Atualmente existem mais de 300 distribuições Linux, dentre elas a brasileira Kurumim, desenvolvida por Carlos E. Morimoto. Como apontam Della Valle e Ulbrich (2003), o chamado GNU/Linux é um conjunto de centenas de distribuições diferentes desse sistema operacional de código aberto, cada uma com suas próprias idiossincrasias⁷.

1.5 Software Livre x gratuito

É necessário ressaltar a diferença entre *Software Livre*, que possui seu código aberto, e o gratuito. Nem sempre gratuito é sinônimo de livre. Apesar de o Linux disponibilizar seu código para consulta e alteração e ainda assim ser gratuito, programadores podem disponibilizar seus projetos gratuitamente, mas sem oferecer seu código-fonte.

Exemplificando, você pode utilizar um programa de antivírus em seu computador pelo qual você não pagou nada (desde que não seja uma cópia ilegal), que tenha lhe requerido, no máximo, um cadastro no sítio para baixá-lo. A questão é que se você pretende entender o seu funcionamento e contribuir com linhas de código que podem aprimorar seus recursos, você não conseguirá tal feito por ser este um *software* proprietário e não livre. De acordo com Valente (2005):

O termo *free* de *Free Software* refere-se à liberdade dos usuários executarem, copiarem, distribuírem, estudarem, modificarem e aperfeiçoarem o *software*. Um programa só pode ser considerado *Software Livre* se os seus usuários reúnem todas essas condições. Você deve também ter a liberdade de fazer modificações e usá-las privativamente no seu trabalho ou lazer, sem nem mesmo mencionar que elas existem. Se você publicar as modificações, não deve ser obrigado a avisar ninguém.

Uma licença que garante que *softwares* sejam sempre livres é o *copyleft*. Opondo-se ao *copyright*, os famosos direitos autorais, essa solução confere a obrigatoriedade de que todos aqueles que distribuem o programa devem permitir que quem quer que o use possa modificá-lo e passá-lo adiante.

2. As pedras no caminho do usuário e a pirataria

Quando a maior parte das pessoas se depara com a palavra Linux, aqueles que já ouviram ou leram alguma coisa sobre o assunto acreditam se tratar de um sistema difícil, com poucos recursos e, por tanto, pouco usual. Para eles, o conceito de *Software Livre* remete-os apenas a este sistema operacional gratuito. Pela ignorância apresentada pela maioria dos

⁷ Disposição do temperamento do indivíduo, que o leva a sentir de um modo peculiar a influência de diversos agentes; maneira de ver, sentir, reagir, própria, especial, de cada pessoa.

usuários em relação a sistemas computacionais, que no dia-a-dia usam um computador para checar e-mails, ler notícias, ouvir músicas ou jogar, estes não imaginam que programas que estejam instalados em seus computadores possam ser soluções livres.

Além disso, têm se na chamada memória coletiva das pessoas que *Software Livre* é ruim, é inferior. Mesmo aqueles que já tiveram alguma experiência com o Linux, por estarem acostumados com os tradicionais programas para Windows, desconhecem a capacidade e eficiência que os programas de código aberto podem oferecer.

Mas o que acaba chateando usuários, no caso daqueles que já apresentam alguma familiaridade com o Linux, é a falta de programas semelhantes encontrados no Windows e escritos para a plataforma livre. Valente (2005) apresenta que:

Dois expoentes do *Software Livre* são o Linux (que substitui o famoso Windows) e o StarOffice (que pode fazer um papel semelhante ao Office). Entretanto, no caso dos *softwares* de uso específico, como um *software* para controle da produção e do fluxo de fotoacabamento, poucos existem. [...] para os apaixonados pela idéia do *Software Livre*, algumas categorias de *softwares* legalmente não podem se enquadrar nessa condição. Esse é o caso dos *softwares* que controlam, nas lojas, as impressoras fiscais.

2.1 Linux: complexidade do sistema

A intenção dos defensores, criadores e colaboradores do *Software Livre* era a de melhorar os processos que eram desenvolvidos e implementar novas ferramentas para tornar o sistema mais usual (DEITEL, DEITEL e CHOFFNES, 2005, pág. 608). Embora isso seja realizado desde a versão 0.01, datada de 1991, hoje, 18 anos depois, para alguns o sistema ainda parece estar longe de ser como o Windows.

Ele era utilizado por pessoas que tinham algum conhecimento ou curiosidade por programação e se aventuravam a tentar usá-lo. No entanto, isso dificultava a adesão por parte dos usuários, que, por mais simplório que fosse, tinham sistemas com interface gráfica, facilitando a maneira de trabalhar.

Hoje as distribuições assumem esse papel. Cada uma delas é voltada para um tipo de usuário, que vai desde os domésticos aos corporativos. Em sua grande maioria, todos trazem a instalação por meio de ambiente gráfico, descartando a necessidade de utilizar comandos para instalar o sistema. Cada vez mais as distribuições buscam ser interativas. No entanto, é preciso entender para quem são destinadas.

2.2. Políticas de expansão de usuários domésticos

Algumas distribuições mais experientes são destinadas a usuários que querem realmente saber como o sistema funciona colocando a mão na massa. Nesse grupo se encaixam distribuições como Debian, Mandrake, Red Hat, Slackware e SuSe (DEITEL, DEITEL e CHOFFNES, 2005, pág. 609).

Embora o sistema seja livre, algumas entidades lucram com a instalação e manutenção de servidores e computadores domésticos ao gerenciarem essas plataformas. Outras não possuem fins lucrativos e são desenvolvidos e aprimorados por usuários. Nos últimos anos, políticas de expansão do Linux, principalmente para usuários domésticos, tem sido adotadas pela comunidade livre. Os constantes problemas com *hardware* encontrados pelos usuários levaram alguns a desistir de testar o sistema. Por outro lado, fabricantes de computadores começaram a perceber que esse mercado está se expandindo e pode, claro que ainda não na proporção do Windows, vir a gerar lucros mais significantes.

Os desenvolvedores criaram então o mais famoso e, na opinião de usuários, a mais amigável e interativa distribuição para uso doméstico, o Ubuntu. Essa alternativa levou diversos curiosos a testarem o sistema em paralelo ao Windows, estudando-o e se adequando a ele antes de partirem de vez para as soluções livres, ou antes de enfrentar uma distribuição mais customizável que requeira experiência com linguagens de programação.

Além disso, aparentemente, diversas são as iniciativas para levar o pinguim para os lares, como os computadores comercializados que já trazem o sistema instalado. No entanto, o que acontece é que esta é uma maneira encontrada pelos fabricantes de diminuir os custos de produção, visto que não é necessário pagar para utilizá-lo.

2.3. *Software* Livre no combate a pirataria

Em 2005 o governo Lula lançou o projeto PC Conectado, que posteriormente foi batizado de Computador para Todos. O programa previa uma expansão da informática para as classes menos favorecidas do País, ficando conhecido como meio de inclusão digital. O governo isentou alguns impostos para os fabricantes e adotou o sistema operacional Linux como carro-chefe do programa. Apesar das diversas tentativas da Microsoft em vender seu sistema Microsoft Windows Starter Edition, os dirigentes do projeto perceberam que além de elevar o preço do computador, o usuário encontraria algumas restrições com este sistema, que pode ser considerado com um Windows XP enxuto (Bánffy, 2005). Bánffy também defende que o modelo do Windows oferecido para este programa não era viável.

O Starter Edition só abre três programas por vez, não usa mais memória do que um máximo e falha se for rodado em um processador “bom demais”. O Home Edition tem problemas crônicos com redes.

No entanto, algumas diretrizes precisam ser examinadas em relação à adoção do *Software Livre* nos computadores vendidos por meio deste programa. A intenção, é claro, é positiva e pretende expandir as soluções livres para aqueles que não conhecem outra alternativa. Mas o grande problema disso tudo é que, mesmo não possuindo um computador em casa, ou antes de possuí-lo, a grande maioria dos usuários já tem o Windows como referência e tudo o que não refletir esse sistema é tido como ruim. Para Silveira (2003, pág. 23), algumas estratégias são meramente econômicas, pois:

Uma empresa está preocupada em lucrar, não em enfrentar problemas sociais, nem mesmo problemas macroeconômicos. Uma empresa é uma unidade macroeconômica com o olhar voltado para o lucro.

O problema para as corporações é que seus *softwares*, pelo elevado preço que são oferecidos no mercado, acabam sendo usados sem a devida permissão. São adquiridos por uma parcela grandemente menor do que custam, sendo obtidos pela Internet ou por um camelô no centro das cidades. O usuário por diversas vezes encontra problemas com essa prática, vendo alguns dos serviços utilizados em seu computador pedirem algum tipo de chave de ativação para que as tarefas continuem a ser desenvolvidas normalmente. Mas, se o usuário passa por dores de cabeça, por que abrir mão de uma solução livre, que não lhe causará transtornos e ainda estará funcionando gratuitamente em seu computador?

O Computador para Todos veio com a intenção de difundir a inclusão digital, mas sua tentativa frustrada apenas alavancou a situação da pirataria de *software*, talvez pela falta de um investimento em centros de ensino que possam ministrar aulas de Linux ou de uma divulgação dos benefícios que o sistema pode trazer, e como, pelo exercício da cidadania, poderíamos ser virtualmente corretos. Bánffy (2008) aponta que:

A ABES (Associação Brasileira das Empresas de *Software*) divulgou algumas semanas atrás um estudo, encomendado ao Ipsos. O estudo mostra que, das famílias que compraram um PC do programa PC para Todos, uma parcela imensa (73%, pelo menos) trocou o sistema original por um Windows.

Em 2005, Valente (2005) já previa que se esse projeto fosse aprovado e viabilizado com sistema Linux, provavelmente o Brasil se tornaria o maior usuário governamental de *Software* Livre do mundo. Porém, com o usuário doméstico isso ainda está um pouco longe de ocorrer.

2.4. Órgãos governamentais migram para o pinguim

Já nos órgãos governamentais, essa política tem funcionado. Os administradores ligados ao governo federal de diversas localidades do Brasil tem percebido o potencial do *Software* Livre e que por meio dele podem reduzir gastos com *softwares* proprietários, implementando as mesmas funcionalidades por eles oferecidos.

A edição número três da *Revista Fedora Brasil*, especializada em *Software* Livre e voltada para a distribuição Fedora, trouxe na matéria de capa um relato sobre a adoção dessa distribuição em todo o Ministério Público do Tocantins. E essa não é a primeira iniciativa.

3. Análise de discurso dos mais populares periódicos de tecnologia

Para entender a importância que uma revista ou jornal dá a algum tipo de assunto é preciso realizar uma análise de seu material e constatar por quais caminhos ele transita. Essa análise pode ser chamada, também, de interpretação, que emite uma resposta ao questionamento. Entre os dispositivos disponíveis, para este trabalho foi adotada a análise de discurso que, de acordo com Orlandi (2005, pág. 59) tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras.

A análise de discurso busca interpretar aquilo que foi e não foi dito por um indivíduo, buscando entender a ênfase dada pelo emissor. Ela analisa não só o que foi falado, mas aquilo que poderia, deveria ou deixou de ser.

3.1. Roteiro para uma análise de discurso

Para Orlandi (2005, pág. 77) a análise constitui-se no passar do texto ao discurso, no contato com o corpus, o material empírico. Primeiro deve-se ver a discursividade do texto, construir o objeto discursivo e desfazer a ilusão de que aquilo que foi dito só poderia ser comunicado daquela maneira. No entanto, a análise leva o analista a compreender o sentido das frases e não exatamente o texto em si, mas seu significado.

Para realizar este trabalho, no corpus adotado foram utilizadas três revistas e um jornal. Todos serão analisados de acordo com o que publicaram em suas páginas em relação ao *Software Livre* no mês de novembro de 2008, nas edições mensais das respectivas revistas e nas datas de circulação do caderno de Informática do jornal *Folha de S. Paulo*, que tem periodicidade semanal.

3.2. Revista *Info*

A revista *Info* do mês de novembro de 2008 trouxe 178 páginas de informações tecnológicas. No entanto, o *Software Livre* foi lembrado subjetivamente em apenas seis delas, de maneira indireta. As primeiras referências aparecem nas páginas 46 e 47, em uma entrevista com David Heinemeier Hansson, criador da linguagem Ruby on Rails. A questão é que nessas páginas não existe alusão alguma aos sistemas de código aberto. Para entender, o leitor, que nem sempre tem um conhecimento geral e amplo de todas as tecnologias, principalmente das linguagens de programação, precisa pesquisar para entender que se trata de uma linguagem livre. Nas páginas 82, 83 e 84, em uma bateria de comparações entre notebooks, a palavra Linux aparece apenas na informação referente ao sistema operacional do Eee PC 1000 HD. Nem de longe alguém pára para analisar a palavra.

Tradicional na revista *Info*, as propagandas que nela são veiculadas, em grande parte, promovem os cursos em vídeo que giram em torno de diversos temas. Depois que o leitor passa por grande parte dos artigos da edição, vai encontrar na página 117 um desses cursos. Nessa publicidade, a revista trata do Ubuntu, como já mencionado neste trabalho, a distribuição mais amigável e mais aderida por quem quer conhecer o sistema operacional Linux.

Nessa peça publicitária, eles apontam que, na verdade, não é tão difícil usar esse sistema. “Nunca foi tão fácil usar Linux no desktop ou no notebook.” Mas a impressão é meramente capitalista. Ou seja, se não fosse por meio desse curso, ainda sim seria um bicho de sete cabeças. A propaganda é a seguinte: “Você sempre quis testar outro sistema operacional, mas faltava informação? Agora não falta mais. A Dicas INFO desse mês traz toda a informação que você precisa para utilizar o Linux no desktop ou no notebook. Entenda como funciona o Ubuntu e descubra onde encontrar as versões mais seguras para download. Compre já a sua edição e amplie seus horizontes.”

Então, sem um curso INFO você nunca saberá usar o Ubuntu. Para que, então, servem as comunidades espalhadas pela Internet, inclusive as em português? E os HOWTOs⁸? E os

⁸ Um guia de como fazer.

fóruns e as próprias dicas que os desenvolvedores dão sobre o sistema? Embora elevem, teoricamente e subjetivamente, subjetivamente porque em 178 páginas dedicar apenas seis para tratar do assunto, às escondidas ainda, é algo assustador. Sem contar que essa promoção do Linux é, na verdade, para promover o produto.

3.3 Revista *W / www.com.br*

Voltada mais para tendências web e publicidade online, essa revista fala muito de linguagens de programação. É certo de que existem linguagens livres circulando pela rede e pela mão dos programadores. No entanto, assim como a revista *Info*, a revista *W* publicou uma notícia sobre a primeira edição do Rails Summit Latin America, que reuniu programadores e interessados pelo Ruby on Rails. Em uma única linha de todo o texto é citada a palavra *open source*, que pode ser traduzida por código-aberto. Essa referência não é suficiente para que o leitor entenda que esta é uma linguagem livre, visto que a frase que apoia o *open source* é precedida apenas de Chad Fowler, [...] colaborador de diversos projetos *open source*. Em suas 98 páginas da edição nº 101, apenas uma referência, perdida em meio ao texto, considerou que o *Software Livre* existe.

3.4 Revista *PC World*

Já a revista *PC World* referiu-se ao tema em apenas duas de suas 66 páginas. O primeiro artigo buscava mostrar o que deve ser considerado em termos de *hardware* e *software* ao comprar um notebook. Ele lista desde a memória ram ao sistema operacional. No entanto, quando ele se refere a esse item, o expõe da seguinte maneira: “Máquinas mais baratas costumam vir com Linux. Se você prefere o Windows, fique atento a esse detalhe.” Não foi preciso dizer, mas ele associou máquinas baratas com um sistema operacional inferior. A ideia nítida que a informação passa é a de que o Windows sempre é a melhor opção. E, claro, o Linux é apenas um “quebra-galho”. A informação poderia ser escrita com algo como “Máquinas mais simples usam Linux por não necessitar de uma licença para o seu uso. Se você prefere o Windows, precisa desembolsar alguns reais a mais.” Veja como a frase leva o leitor para um outro patamar totalmente diferente. Talvez nem o próprio autor tenha usado Linux ao longo da vida e o associa com algo abaixo da criação de Bill Gates.

Na página 44, um artigo se refere aos telefones celulares que vieram bater de frente com o Iphone, da Apple. Ele faz referência ao celular G1, lançado com o sistema operacional Android, sistema livre para dispositivos móveis desenvolvido pela Google. O redator do artigo não dá a mínima importância em explicar ao leitor que, diferente do Iphone, o G1

possui um sistema totalmente aberto e que pode ser utilizado por desenvolvedores para gerar novas funcionalidades, algo restrito nos demais sistemas proprietários para telefones celulares.

3.5. Caderno de Informática do jornal *Folha de S. Paulo*

Na edição do dia 26 de novembro não havia nenhuma referência ao *Software Livre* no caderno. Já no dia 3, apenas uma notícia mencionou a existência do sistema aberto. O texto fala sobre um clone do Google *Chrome*, o navegador do Google, criado para proteger a privacidade dos usuários, que segundo a reportagem, enviaria dados dos internautas para a empresa. Eles fazem referência de que uma programadora aproveitou o código aberto para fazer uso e adequá-lo de acordo com sua necessidade. A sorte foi a de que não falaram de uma possível má funcionalidade do navegador por usar código aberto, e sim pelo quesito privacidade. Fora isso, nem uma palavra a mais fora sobre o assunto.

Conclusão

Após a análise, o que cabe concluir é que os veículos de comunicação estudados não tem oferecido em suas páginas espaços suficientes para a divulgação do *Software Livre*. Em alguns casos, eles aparecem mais como um elemento comum no universo tecnológico e que não ganha destaque. Mesmo com o argumento de que naquela semana ou mês não houve um evento ou notícia que pudesse ter sido divulgado nos periódicos, com os *softwares* proprietários a coisa é diferente. As soluções para o Windows têm seu espaço garantido nesses veículos. O que falta nessas mídias é um ambiente separado, seja semanal ou mensal, que possa tratar do assunto. Os usuários interessados por este outro mundo só serão atraídos se houver divulgação de ideias relevantes àquelas que costumeiramente se conhece.

Apesar de existirem diversos periódicos que tratam sobre o assunto, seu público é mais fechado e seus artigos e tutoriais são voltados para usuários experientes em relação ao tema. As revistas ditas populares são a porta de entrada para a divulgação das soluções livres que, também, podem levar profissionais a conseguirem bons empregos trabalhando apenas com *Software Livre*. Se a maioria desses leitores soubessem, por meio desses periódicos, das oportunidades que são apresentadas no mercado de trabalho para aqueles que dominam essas ferramentas, haveria uma demanda maior de informações do gênero.

É lamentável perceber que certas ações são apenas reconhecidas mediante algum interesse, seja econômico ou social. O *Software Livre*, desde sua criação, apresenta bons

argumentos para conquistar os computadores pessoais, assim como há alguns anos domina o setor de servidores e estações de trabalho. Ao longo do tempo tem se reinventado para melhor atender os usuários, porém, acaba não ganhando voz diante da mídia, que abafa seus discursos seja na não divulgação de seus eventos ou pelo não retorno financeiro que o tema lhe daria. O Brasil tem potencial para ser um país virtualmente livre, mas os reflexos do que é rodado nos computadores do mundo todo são vistos aqui, não havendo espaço para competições.

Mediante essas ponderações, os sistemas livres precisam ser mais difundidos no País e, com exemplos como dos órgãos governamentais, necessitam ser oferecidos aos usuários e utilizados por eles para que estes enxerguem que existem alternativas gratuitas no mercado e, a partir disso, tenham opinião própria para tecer seus comentários baseados naquilo que conhecem e não naquilo que leram. Não obstante, é necessário que pessoas sejam capacitadas para lidar com ele, defendê-lo e anunciá-lo. De que maneira um russo pode difundir suas ideias no Brasil se ele não fala português? É neste momento que o tradutor se torna indispensável para estabelecer uma comunicação entre as duas nacionalidades.

Referências bibliográficas

BÁNFFY, Ricardo. Impressões sobre o PC Conectado. Disponível em <<http://webinsider.uol.com.br/index.php/2005/05/23/impressoes-sobre-o-pc-conectado>> Acesso em 1 set. 2008

BÁNFFY, Ricardo. Veja, Lula... e o *Software* Livre. Disponível em <<http://webinsider.uol.com.br/index.php/2006/05/16/veja-lula-e-o-software-livre/>> Acesso em 1 set. 2008

BÁNFFY, Ricardo. Pirataria. Disponível em <<http://webinsider.uol.com.br/index.php/2006/12/15/pirataria>> Acesso em 1 set. 2008

BOLAÑO, C.R.S. **Trabalho Intelectual, Comunicação e Capitalismo**. A reconfiguração do fator subjetivo na atual reestruturação produtiva. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, SEP, nº 11, p. 79-102, dezembro-2002^a.

DELLA VALLE, J.; ULBRICH, J.C. **Universidade H4CK3R**. São Paulo: Digerati Comunicação e Tecnologia Ltda., 2003

DEITEL, H.M.; DEITEL, P. J.; CHOFFNES, D.R. **Sistemas operacionais**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005

ELIAS, P. C. **O papel do *Software* Livre na inclusão digital**. Campinas, 2006. 150 f. Tese (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

FRIEDMAN, T. L. **O mundo é plano** – Uma breve história do século XXI. Local: Rio de Janeiro. Ed: Objetiva, 2005.

MAX, Willian. **Uso de Windows tem maior queda em dois anos**. Disponível em: <<http://googlediscovery.com/2008/12/03/uso-de-windows-tem-sua-maior-queda-em-dois-anos/>> Acesso em: 3 dez. 2008

MENEZES, Anderson. **Bom e barato**: Melhor custo / benefício leva o Ministério Público do Tocantins a escolher o Fedora na hora da migração. Disponível em: <<http://www.projeto-fedora.org/portal/revista/RevistaFedoraBrasil003.pdf> > Acesso em: 3 dez. 2008

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2005

SILVEIRA, S. A. **Software Livre**: a luta pela liberdade do conhecimento. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004

TURBAN, E.; RAINER, R.K.; POTTER, R. E. **Introdução a sistemas de informação**. Uma abordagem gerencial. Rio de Janeiro: Elsevier editora Ltda, 2007

VALENTE, Wagner. **Software Livre**: mais liberdade. Fhox, local: editora, nº 95, pág. 60, 2005